

NA ATUALIDADE O PROPÓSITO DO DEBATE SOBRE A IMPrensa NEGRA PAULISTA

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Por serem ainda reduzidos os estudos sobre a imprensa alternativa negra em São Paulo¹ é que no momento procuro trazer à tona a necessidade de uma análise, sob a nova ótica historiográfica, sobre os periódicos negros produzidos em plagas paulistas desde seus primórdios até a atualidade.

Trata-se de estudo complexo principalmente porque os jornais negros não tiveram grandes tiragens, viveram com grandes dificuldades econômicas e poucos deles duraram mais que um ano (apesar de ser sua temática rica e fecunda) sem se falar de terem sido pouco preservados.

Pelo que venho analisando e pesquisando de há muito, o marco inicial da imprensa alternativa feita por negros em São Paulo (Capital) data de 1911 com o aparecimento de *A Pérola*, seguido de *O Menelick*, em 1915. Foram as primeiras tentativas para o estabelecimento de um jornalismo a serviço da coletividade negra da cidade.

Todavia, quero assinalar que Campinas precedeu a Capital desempenhando relevante papel no jornalismo negro, quando publicou, em 1903, o primeiro jornal negro paulista - *O Baluarte* - e, em 1910, o *Bandeirante*.

⁽¹⁾ Sobre o assunto ver, principalmente o clássico estudo de Bastide, Roger. **A Imprensa Negra do Estado de São Paulo**. São Paulo, FCCL/USP, 1951 (Boletim CXXI. Sociologia N° 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª série) e o de Ferrara, M. Nicolau. **A Imprensa Negra Paulista (1915-63)**. São Paulo, FFCL/USP, 1986 (Antropologia, 13).

Constatei que essa imprensa alternativa em São Paulo tornou-se bastante definida a partir dos anos 1915, quando, num primeiro momento (até 1930) as publicações se sucederam uma após outra, na tentativa da integração do negro à sociedade brasileira, bem assim, na formação de sua consciência.

De 30 a 37 continuou ainda uma produção significativa, sobretudo em decorrência da participação negra nas “contradições” impostas pelo Estado Novo e por influência da Frente Negra Brasileira que nessa fase teve o seu período de apogeu.

A partir de 1938 até 45 houve um verdadeiro hiato nessas publicações e, após, com a tentativa da implantação democrática no país, novos periódicos sucederam-se (até 1963), com nítido caráter político, até porque vários negros se filiaram a partidos políticos e alguns deles chegaram a se candidatar a cargos eletivos.

Dessa época em diante há uma paralisação nessas publicações, cuja rearticulação só ocorreu por volta dos anos 1970, mas, mesmo assim, esporadicamente.

Relembro, entretanto, que na década dos anos 80, constatei que dos números saídos houve um crescente batalhar em torno da temática racial/preconceito/racismo, além de uma chamada efetiva à participação do negro em sociedade.

Embora não seja intenção neste breve estudo demonstrar toda a história dessa imprensa alternativa², gostaria nesse desafio aos historiadores que fosse efetuada uma análise/debate profundo que atentasse não apenas para as publicações efetuadas a partir da Abolição da Escravatura, como na observação dos diferentes cotidianos, onde, certamente, verificar-se-á em quase todos os momentos que o racismo e os estereótipos se encontraram sempre presentes, pois, se de um lado o passado tornou o negro resignado, subjugado por outro, o homem negro/mulato foi pressionado a seguir sua trajetória no sentido de se tornar violento e ladrão, enquanto que a mulher foi levada à condição de lasciva e renegada ao abandono social.

⁽²⁾ Ver sobre o assunto, entre outros estudos: Ricci, Maria Lúcia de Souza Rangel. **Imprensa Negra Paulista** in: Anais SBPH, São Paulo, 1989, p. 65-70.

Não houve nem mesmo por parte de nossa literatura, muito pelo contrário, uma visão melhorada deles. Antes, foram justificadas pelas teorias científicas que controlavam as categorias sociais e como parte da economia antiescravocrata disseminadas sobremaneira na área paulista, mesmo porque com a não alteração do status econômico/social do negro em relação ao branco, da mesma forma não mudou a atitude dos brancos em relação àqueles.

Como então bem explicar/entender a existência de uma imprensa negra na região de São Paulo a partir dos anos 1903, se o antigo escravo não recebera nenhuma preparação para seu novo papel de competidor no mercado de trabalho e, além disto, na região paulista os imigrantes europeus não só dominaram tal mercado como expulsaram os negros de determinadas ocupações comerciais e artesanais?

Ocorreu que sendo o negro objeto de discriminação, o que tornou ainda maior sua marginalização, quando os primeiros ecos negros se fizeram ouvir pela imprensa (notoriamente após 1924), não se preocuparam eles com o privilégio da igualdade cultural, mas, com o problema imediato da injustiça social, bem assim da falta de solidariedade étnica e de classe entre negro e mulato. Objetivaram, de fato, formar uma consciência social entre seus pares, ensinando-lhes as técnicas de competição utilizadas pelos brancos, sobretudo dos imigrantes. Portanto, nesse período, era sua imprensa, simultaneamente, um órgão de protesto e educação, tentando demonstrar ao branco a honorabilidade do homem negro, principalmente quando lhe apresentava sua vida social (rituais do casamento, da morte, festas típicas, etc.).

Pude ainda perceber neste estudo que os jornais negros representaram muito mais a opinião da classe média negra do que da massa que me pareceu indiferente frente às campanhas efetuadas por sua própria imprensa que, desde sua origem demonstrou o significado para eles das notas sociais (festas religiosas, quermesses, falecimentos, casamentos...), mexericos (tônica marcante desses jornais e uma maneira de poder exercer o controle social sobre o grupo), artigos reivindicatórios (raros e de pouca expressão, mas visando a ascensão social do negro), além dos apelos à conscientização, à educação do negro que, sem dúvida, representaram a base necessária para o prosseguir dessa imprensa. Daí lembrar, apenas para exemplificar, que foi o *Getulino*, pelo que conheço,

fundado em Campinas (julho de 1923), o primeiro jornal realmente combativo e exigente, e que teve nessa cidade, tida como extremamente racista, o local ideal para abertamente assumir a reivindicação como instrumento de luta.

É evidente que a imprensa alternativa surgiu do sentimento de dificuldade havida entre o negro e o branco, tanto no trabalho quanto no lazer, o que acarretou o complexo de inferioridade dos negros frente aos brancos, fazendo com que muitos dos primeiros procurassem imitar os segundos no afã da ascensão social, esquecendo e muitas vezes renegando sua origem, repudiando suas tradições. O mesmo sentimento de inferioridade é encontrado quando da oposição do mulato ao negro que preferiu por largo período de nossa história se considerar partícipe do grupo branco. Aí residia o outro aspecto marcante dessa imprensa negra: dar confiança e valor ao negro sendo, aliás, essa uma das metas do *Getulino*³.

Com a fundação na capital de *O Clarim d'Alvorada* (janeiro de 1924) o caráter combativo da imprensa negra se acentuou (apesar da irregularidade de suas publicações pela escassez de recursos econômicos, pela falta de coesão do grupo negro e do desinteresse da maioria negra por sua baixa condição sócio-educacional) apesar de se apresentar com vocabulário eivado de matizes ideológicos, onde apontava, diagnosticava os bens e os males sociais e a falta de união da raça, procurando apontar as possíveis soluções para os problemas a serem enfrentados.

Parece-me, contudo, que foi a partir dos anos 1930, com a formação da *Frente Negra Brasileira* que o movimento negro de fato ascendeu. Retratava uma tendência socialista, estando mais ligada ao progresso social dos negros do que à cultura afro-brasileira propriamente dita.

O periódico oficial dessa Frente era a *Voz da Raça* (surgida em 18/03/1933) que veio marcar uma nova fase, assaz combativa e politizada da imprensa negra, visando, basicamente, a ascensão social do negro na sociedade brasileira. Na verdade a ideologia proposta por esse jornal era a de um nacionalismo brasileiro apoiado no negro, ou seja, um

⁽³⁾ Ver, principalmente: *Getulino*, Campinas (SP), 1923, ano I, nº 3 e 22; 1924, ano I, nº 35 e 37 e ano II, nº 50, 51 e 55.

tipo de *mulatismo*, onde era enfatizado o escurecimento do branco e não o branqueamento do negro como até a época era a principal proposta. Quer me parecer que os dirigentes desse jornal tinham um forte ressentimento ao progresso econômico/social do imigrante fazendo mesmo com que o líder da Frente bem representasse uma estranha fusão de incongruência no que se refere ao racismo negro, dependente daquele do branco e dos valores inerentes à burguesia branca, ao lado, contudo, de uma preocupação com o despertar da consciência negra que girava em torno de Deus, Pátria, Raça e Família. Isso me levou a inferir, por um lado, a estreita relação dele havida com o doutrinismo monárquico e, de outro, ligado aos múltiplos ressentimentos sociais.

Com a implantação do Estado Novo os jornais da imprensa negra paulista não mais circularam e, somente após a deposição de Vargas (1945) é que ela ressurgiu visando, a partir desse momento, a conscientização do negro pela educação no sentido de que ele se apercebesse de que todos os seus problemas deveriam ser solucionados por ele mesmo, procurando despertar-lhe a necessidade de lutar por melhores condições de trabalho, salários dignos, aperfeiçoamento profissional, etc.

Claro que o problema do preconceito/racismo persistiu e os jornais já começavam a denunciá-lo; foi o caso, só para exemplificar, das firmas, que então não aceitavam em seus quadros elementos negros.

O período 1964 até o principiar dos anos 70, marcado pelo domínio militar nos país, novamente fez com a imprensa negra paulista não tivesse espaço para se manifestar.

Sua reorganização somente ocorreu a partir de 1975/8, onde essa nova imprensa tentava demonstrar a ilusão da democracia racial brasileira, passando seu discurso por aquilo que considerava um sistema de colonialismo interno, no qual o negro só poderia se elevar socialmente caso se aceitasse como um nativo assimilado.

A partir da década dos 90 essa imprensa negra procurava já *desmascarar* o pouco caso com que eram no geral tratados os negros pela sociedade, pelos meios de comunicação de massa e pela imprensa branca. Procurou ela se tornar independente apesar das limitações financeira e de distribuição dos seus jornais (que sempre lhe pesaram) o que continuou a impedir sua periodicidade regular.

Finalmente cumpre enfatizar o trabalho desempenhado pelo *Movimento Negro Unificado* ao longo de sua trajetória, procurando incrementar o trabalho dessa imprensa, tornando claro seu propósito no sentido de unir a população negra. Por isso ser freqüente a discussão, entre outros problemas, da possibilidade de uma ação comum contra a violência policial, do desemprego, da marginalização e da exploração da mulher negra.

Atualmente a imprensa negra paulista está amplamente marcada por uma campanha de denúncia permanente de qualquer ato discriminatório e de uma constante organização para enfrentar todo e qualquer tipo de racismo, onde a proposta básica é de que sua luta e seu grito de liberdade partam do próprio negro que precisa assumir de vez sua identidade e liderança independente repelindo a histórica segregação e paternalismo ainda presentes em nossa sociedade.